

DANÇA
CONEXÕES,
DISPERSÕES E
TRAVESSIAS

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profª. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profª. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Profª. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profª. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profª. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Profª. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Profª. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profª. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profª. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Profª. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profª. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profª. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profª. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Elisângela Chaves
Gustavo Pereira Côrtes
(organização)

DANÇA
CONEXÕES,
DISPERSÕES E
TRAVESSIAS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dança : conexões, dispersões e travessias [livro eletrônico]
/ organização Elisângela Chaves, Gustavo Pereira Côrtes. –
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

ePub.

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-657-5

1. Dança 2. Dança – Aspectos culturais 3. Estudos culturais
4. Lazer – Aspectos sociais I. Chaves, Elisângela. II. Côrtes,
Gustavo Pereira.

22-133485

CDD-306.484

Índices para catálogo sistemático:

1. Dança : Aspectos culturais : Ciências sociais 306.484

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta

imagem da capa: Igor Maciel

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

Esta obra contou com
o apoio financeiro da
CAPES/PROAP e PPGIEL/UFMG
para a sua publicação na versão ebook

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Igor Maciel

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento
parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

AGRADECIMENTOS

Nossos especiais agradecimentos a Igor Maciel artista plástico que tão carinhosamente concedeu sua inspiração e talento para elaborar a arte da capa deste livro. À professora Luísa Roubaud da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, que gentilmente através de nossa cooperação acadêmica dedicou seu tempo à escrita do prefácio dessa obra. E a todas as pessoas que participaram das pesquisas e da organização dessa produção.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Luísa Roubaud</i>	

APRESENTAÇÃO	17
--------------------	----

CONEXÕES

CULTURA POPULAR E FOLCLORE – TRAJETÓRIAS INICIAIS DE ESTUDOS NO BRASIL E INTERESSES NA REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE (1961-1976)	23
<i>Gustavo Pereira Côrtes, Jenifer Lourenço Borges Vieira</i>	

DEIXA A RODA GIRAR “NUM APERTO DE MÃO”: PARA ENTRAR NA DANÇA COM AS MENINAS DE SINHÁ, “OH SEREIA”	49
<i>Raquel de Magalhães Borges, Cristiane Miryam Drumond de Brito, Alba Pedreira Vieira, Roseane do Socorro da Silva Matos Fernandes</i>	

DANÇA NAS REDES E CONEXÕES DA ATUALIDADE	71
<i>Telma Rodrigues, Cláudia Márcia Barbosa, Júlia Braga</i>	

A MULHER E O VÉU: POÉTICAS DANÇANTES NA TURQUIA	85
<i>Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz</i>	

A DANÇA COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA
CORPOREIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS DOS REINADOS. . . 107
Fernanda Abbatepietro Novaes, José Eustáquio de Brito

DISPERSÕES

DANÇA, E PROCESSOS DE RE-EXISTÊNCIA 131
Elisângela Chaves, Juliana de Paula, Mateus Marçal

A HETERONORMATIVIDADE NO SALÃO DE BAILE:
POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A DANÇA DE SALÃO
E OS ESTUDOS PÓS-ESTRUTURALISTAS 143
Jose Manuel Alvarez Seara, Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

TEMATIZANDO A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
UMA PROPOSTA NA PERSPECTIVA CULTURAL 163
Aládia Cristina Rodrigues Medina, Paola Luzia Gomes Prudente

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE LOS IMAGINARIOS
CONSTRUIDOS ALREDEDOR DE LA DANZA ESCÉNICA DEL
THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO DE 1939 A 1945. . . 179
Karla Ysolina Uriarte-Torres

TRAVESSIAS

RELATOS SOBRE A DANÇA EM TEMPOS DE
PANDEMIA: A PERSPECTIVA DO CONSUMO
E DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO 203
*Franklin Ribeiro Fernandes Negrão, Isabela Faria Guerra, Júlia Braga
Nascimento, Laysa Marcela Gomes Silva, Maria Gabriela Nascimento
Velloso Ferreira, Míriam Santiago Anastácio da Silva, Paola Luzia
Gomes Prudente, Victor Augusto Valadares de Souza*

O CORPO PANDÊMICO DANÇANTE ENQUANTO
POTÊNCIA DE ENFRENTAMENTO CONSCIENTE 219
*Bruna D´Carlo Rodrigues de Oliveira Ribeiro,
Caroline Cavalcante do Nascimento, Isabela Guerra*

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES. 237

PREFÁCIO

“Estamos vivendo sob pressão”. São estas as palavras que abrem, no último capítulo do livro, o texto *O Corpo Pandêmico Dançante Enquanto Potência de Enfrentamento Consciente*, de Bruna D’Carlo Rodrigues de Oliveira Ribeiro, Caroline Cavalcante do Nascimento e Isabela Guerra. Os temores da contaminação pelo novo coronavírus criaram uma “espécie de tempo suspenso”, escrevem, numa passagem de *Relatos sobre a Dança em Tempos de Pandemia: a Perspectiva do Consumo e da Produção de Conteúdo*, Franklin Ribeiro Fernandes Negrão, Isabela Faria Guerra, Júlia Braga Nascimento, Laysa Marcela Gomes Silva, Maria Gabriela Nascimento Velloso Ferreira, Míriam Santiago Anastácio da Silva, Paola Luzia Gomes Prudente, Victor Augusto Valadares de Souza. “Pressão” e “suspensão” foram o mote dos dois textos que integram *Travessias*, a secção final desta obra. Traduzem, porventura, uma linha subtextual que a organiza: os estados de alma a trespassar o corpo dos seus autores ao longo de um tempo de escrita, em grande parte vivenciado em confinamento.

No primeiro capítulo acima referido é contextualizado o surgimento de práticas de danças urbanas do Brasil para, no recorte situacional da cidade de Belo Horizonte/MG, através de uma espécie de etnografia de contingência realizada à distância, auscultar os ecos subjectivos do isolamento socio-sensorial em três bailarinas,

mulheres periféricas, mães, donas de casa, professoras, artistas. O outro capítulo inscreve na trajetória – socialmente desigual – da expansão dos *media* digitais na vida contemporânea das últimas décadas, as estratégias de resistência e reconexão experienciadas e desenvolvidas por jovens investigadores, estudantes de graduação em Educação Física (UFMG), durante o período de isolamento: uma reflexão em torno da produção de conteúdos digitais relacionados com a dança, e o seu consumo.

Para quem trabalha e pensa sobre a dança, a crise pandémica trouxe, por caminhos ínvios, novos *insights* acerca do impacto da privação do movimento e do “estar em relação”. Por outras palavras, e num horizonte mais abrangente, percepções agudizadas sobre as reverberações do ambiente sobre os corpos. Podemos aqui inscrever o quadro conceptual que serviu de gatilho a este livro e nele balizar as pesquisas que o compõem: os usos da dança, em esferas sociais como a educação, a cultura e o lazer, o modo como são permeados por dimensões da(s) cultura(s) dita(s) populare(s) ou/e erudita(s); ou seja, a cultura expressiva enquanto espaço-tempo onde se manifestam, interpelam, contestam, produzem e transmitem, práticas, contextos, representações sociais e imaginários.

São intrínsecas à corporeidade dimensões de género, socio-raciais, processos identitários e da colonialidade. Estas questões atravessam a primeira secção do livro, *Conexões*. Cultura popular e folclore, por exemplo, são frequentemente abordados em estudos sobre o corpo e sobre manifestações corporais. Tal constatação conduziu Gustavo Pereira Côrtes e Jenifer Lourenço Borges Vieira a desenvolver, em *Cultura Popular e Folclore – Trajetórias Iniciais de Estudos no Brasil e Interesses na Revista Brasileira de Folclore (1961-1976)* uma oportuna e fundamental problematização daqueles conceitos operativos. E a analisar a *Revista Brasileira de Folclore* (RBF) à luz do mosaico que são múltiplas linhas de força que, historicamente, constituem, pensam e discutem a cultura expressiva brasileira. Definem, ainda, enquanto possíveis campos teórico-metodológicos de pesquisa, poder ser a RBF tomada como fonte

(núcleo informativo para a compreensão de discursos, relações e práticas) – ponto de vista adotado no texto - ou como objeto analisado.

Numa outra vertente metodológica, a da “prática artística como pesquisa”, em *Deixa a Roda Girar: para entrar na Dança com as Meninas de Sinhá*, Raquel de Magalhães Borges, Cristiane Miryam Drumond de Brito, Alba Pedreira Vieira e Roseane do Socorro da Silva Matos Fernandes encontraram, ao longo de uma investigação imersiva com Grupo Meninas de Sinhá, núcleo de encontro, resistência e partilha formado por mulheres mais velhas residentes o violento bairro Alto Vera Cruz da periferia belo-horizontina, o que apelidaram de uma “metodologia girante”. Neste estudo, onde a experiência partilhada nos coros e movimentações coreográficas circulares das “meninas”, a rememorar tradições das danças brasileiras, foi o processo transacional, as autoras desocultam um feminino contra-hegemônico, identidades invisíveis a resistir aos desabonos do idadismo, do desfavor social e da cor da pele. Se as circunstâncias pandêmicas deslocaram para o mundo virtual a conclusão desta pesquisa, foi essa mesma conjuntura a servir de ignição a *Dança nas Redes e Conexões na Atualidade*, onde Telma Rodrigues, Cláudia Márcia Barbosa e Júlia Braga, ancoradas na filosofia deleuze-guatarriana, abordam a relação da dança com as tecnologias digitais em tempo de pandemia como um sistema rizomático: perspectivam os fluxos “da rede” como um movimento orgânico, imprevisível e ilimitado. Se os artistas da dança, bem antes da situação de isolamento social, já testavam formatos baseados nos *media* digitais, a conjuntura pandêmica veio, irreversivelmente, acelerá-los. Pese embora o risco da exploração capitalista do trabalho dos profissionais da área, ou da sua apropriação pela indústria cultural, dançar para a tela, num registo simultaneamente íntimo e público, não substituindo a riqueza da experiência presencial, incita a outras possibilidades, ao fluir espontâneo e expressivo do corpo, aproximando-o da experiência estética.

E é a espontaneidade, do corpo e da dança, lugares do que se sente antes de poder ser pensado, o nexos que nos conduz até *A Mulher e o Véu: Poéticas Dançantes na Turquia*. Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz leva-nos num périplo por dez cidades da Turquia: o itinerante *Projeto Dança na Mochila* tem como sujeito a inserção da mulher no espaço urbano. Traz-nos uma interpretação sensível da condição feminina num país paradoxal, a um tempo Europa e Oriente Médio, em cuja população, maioritariamente religiosa, se observam práticas sociais cada vez mais laicizadas.

Fernanda Abbatepietro Novaes e José Eustáquio de Brito concluem a secção com *A Dança como Elemento Constitutivo da Corporeidade de Crianças Negras dos Reinados*. Ancorados na concepção de Marcell Mauss de que toda a técnica corporal é também uma técnica social, e baseados numa metodologia de observação participante, investigaram a corporeidade destas crianças através das suas práticas de dança, nos lugares onde as vivenciam: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Ibirité e o ambiente escolar. Se o corpo é seminal nas vivências da racialização e da colonialidade, dançar, ao reforçar pela mesma via a pertença étnico-racial, revelou-se factor mitigador das diferenças epistémicas entre os congados e a escola.

É também sobre como a lógica da colonialidade encontra no território corporal a sua centralidade que trata *Dança, e Processos de Re-Existência*, capítulo a encetar *Dispersões*, a segunda secção do livro. À luz da dialógica entre Estudos Culturais e estudos decoloniais da América Latina, Elisângela Chaves, Juliana de Paula e Mateus Marçal chamam à colação o facto de o sistema de pensamento europeu (“ocidental”) se manter hegemónico para além do término do colonialismo político. Foi este o ângulo assumido pelas autoras para abordar os exemplos específicos dos Blocos afros Angola Janga de Belo Horizonte e Ilê Aiyê de Salvador. Identificaram, no modo como as suas danças transbordam o tempo-espaço delimitado das festividades carnavalescas, experiências

de transformação e de (re)existência diaspórica à adversidade e silenciamento históricos, a configurar microcosmos de resistência.

O texto de Jose Manuel Alvarez Seara e de Franklin Ribeiro Fernandes Negrão é, sobretudo, um texto de perguntas: *A Heteronormatividade no Salão de Baile: Possíveis Diálogos entre a Dança de Salão e os Estudos Pós-Estruturalistas* coloca corpo e gênero no núcleo do debate, no pressuposto de que as danças de salão não são dissociáveis das questões culturais que perpassam o tecido social. As proposições de Judith Butler, bem como as dos movimentos feministas e LGBTQIAP+ são, neste artigo, conceptualmente operativos. “Dançar no salão” convoca discussões acerca do feminismo negro frente ao feminismo branco, bem como a ideia de que todo o conhecimento é situado, já que dimensões como raça, gênero, classe e sexualidade geram - também na dança - distintos modos de vivenciar subalternidades. Em que termos se assiste a um embranquecimento das danças de salão afrolatinoamericanas? Que possibilidades surgem de uma dança fluída e em transição, para corpos dissidentes em micro-resistência? Como obviar a que a dissidência não seja produtora de uma nova norma? Sendo a heteronormatividade o lugar de poder danças de salão, é propósito deste artigo nomear tal realidade a fim de que mudanças para factos invisibilizados possam ser pensadas.

O capítulo seguinte transporta-nos a uma reflexão crítica sobre a educação física escolar (EFE), perspectivada como uma cultura corporal de movimento. Em *Tematizando a Dança na Educação Física Escolar: uma Proposta na Perspectiva Cultural*, Aládia Cristina Rodrigues Medina e Paola Luzia Gomes Prudente traçam o modo como a EFE se foi construindo historicamente, desde o século XVIII, a fim de demonstrar o quanto conhecimento e currículo - o que fica dentro e fora da escola - definem campos culturais onde se disputam significados e hegemonias. Problematizada a dança nesse quadro, decorre que dela se produzem múltiplas identidades e diferenças que representam formas de dialogar ou de relação com o mundo. Com base neste argumentário, e com vista à formação de

sujeitos críticos socialmente emancipados, as autoras apresentam uma proposta pedagógica onde se valorizam distintos saberes em dança (para além dos hegemónicos), estruturada por etapas que correspondem, a um tempo, a um quadro metodológico e conceptual: o mapeamento; a vivência e a resignificação; o aprofundamento e a ampliação; o registo e a avaliação.

A encerrar a segunda secção, Karla Ysolina Uriarte-Torres fala-nos de como na dança cénica apresentada Theatro Municipal do Rio de Janeiro entre 1939 e 1945 se plasmava o programa ideológico-cultural estadonovista de Getúlio Vargas: o teatro enquanto lugar de práticas sociais de entretenimento que integravam, subliminarmente, a construção de um devir idealizado para a sociedade moderna brasileira do século XX. *Elementos Constitutivos de los Imaginarios Construidos Alrededor de la Danza Escénica del Theatro Municipal do Rio De Janeiro de 1939 a 1945*, parte da análise de conteúdo de textos sobre dança publicados na imprensa (*A Manhã* e *Jornal do Brasil*) para examinar como nesta se operava a divulgação de determinado tipo de dança (predominantemente o ballet clássico) e a formação de públicos, através da veiculação dos imaginários associados ao seu consumo. A pesquisa, inscrita nos estudos do lazer e em boa parte na sociologia de Bourdieu, mostra-nos como a toda a relação espectacular subjaz uma relação de poder. Preconizava-se, para o “corpo brasileiro”, uma imagética socio-estética que oscilava entre a exaltação da técnica clássica historicamente imbrincada à cultura europeia e russa e a utopia de alcançar o progresso norte-americano, pela via da modernidade das suas práticas de produção, consumo e divulgação. Uma modelagem geopolítica simbólica que, pela sua aparência apolítica, se subtrai ao exame crítico potenciando a sua apreensão num plano infra-racional. Mecanismos estes que, propõe a autora, se mantêm operativos na construção de imaginários nos tempos que correm.

Se o motor deste livro radicou nas travessias que a situação pandémica exigiu e inspirou no campo da dança, revigorando a inteligibilidade do quão vital é a movimentação dos corpos,

questões que o contexto difícil em que o Brasil se encontra amplia, hoje, quando o mundo contemporâneo vive na eminência de uma nova guerra mundial, os textos aqui publicados convocam novas declinações: o corpo é o lugar onde primeiramente ressoam os sucessivos sufocos que vão pontuando o(s) nosso(s) presente(s), os não-ditos das acções políticas.

As próximas páginas são um espaço de encontro entre a dança, a academia, a escola e outras esferas sociais, a abranger o lazer, a cultura popular e a arte. Ao desígnio de divulgar investigação transdisciplinar no território da dança, acresce a integração do corpo discente do Grupo EduDança no processo de produção e divulgação do conhecimento. Isso ganha, por estes dias, um novo sentido: o de um gesto cívico.

Lúisa Roubaud

APRESENTAÇÃO

“Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia.”

João Guimarães Rosa

Conexões, dispersões e travessias, foram as palavras cheias de sentidos e significados que nos motivaram, coletivamente a organizar esse livro com reflexões e trajetórias de pesquisa. Diante a situação que temos vivido nos últimos anos, nos vimos imbuídas e imbuídos da necessidade e da vontade de contribuir para construção e compartilhamento de nossas produções artísticas, acadêmicas e culturais. O diálogo a partir das conexões entre diferentes campos de saber, reflexões sobre as apropriações da dança na contemporaneidade e sua importância na educação, na arte e no lazer, nos possibilitaram pensar sobre as dispersões e as travessias que nossos conhecimentos, sentimentos e práticas reverberam.

Neste sentido, compreendemos que ludicidades e representações por intermédio da arte, da educação e do lazer envolvem diferenças étnicas, de gênero, raça, classe social e econômica. O reconhecimento da pluralidade e da diversidade cultural, também para dança, é um tema relevante para as propostas políticas e educacionais que combatam as discriminações e exclusões, em um processo de aceitação e tolerância das diferenças para fortalecer e perpetuar os direitos sociais, as políticas públicas, as identidades culturais e as liberdades de expressão. Uma educação

que englobe o respeito e a acessibilidade à diversidade cultural deve ser entendida como premissa de orientação para a mediação cultural, tão fundamental para as reflexões sobre os lazeres na atualidade.

O Grupo de Pesquisa EduDança foi criado em agosto de 2014 na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-EEFFTO, da Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil/UFMG. Inicialmente, a proposta era gerar um espaço acadêmico científico devotado à Dança através da sistematização das pesquisas, ações e intervenções no ensino, pesquisa e extensão. Com o intuito de gerar conexões entre diferentes campos de saber, reflexões sobre as apropriações da dança como conteúdo integrante da formação e atuação do professor de Educação Física nas suas mais diversas práticas. No entanto, em 2016, o EduDança inicia um processo profícuo de diálogos com os Estudos do Lazer e os Estudos Culturais. Junto a outros grupos de pesquisa da área do Lazer, compôs o Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e de Lazer da Rede CEDES do Estado de Minas Gerais. Essa inserção ampliou a participação de pesquisadores do Programas de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer/PPGIEL/UFMG. Junto a esse movimento o grupo dá continuidade às suas propostas formação em pesquisa agregando pesquisadores, professores, estudantes de graduação e pós-graduação, artistas e mediadores culturais. Dentre as ações realizadas, estão os fóruns (eventos anuais) que possibilitaram de forma solidária o acolhimento de uma proposta de capacitação para monitores dos projetos sociais da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/MG, onde mantemos junto a esta ação, uma parceria. Criamos e ampliamos um espaço acadêmico de interlocução do conhecimento com outros espaços educacionais na sociedade local, fonte de problematizações, pesquisas e intercâmbios. Inclusive internacionais, através da realização de cooperações de pesquisadores com vinculações de estudos de pós-graduação no Brasil, México, Espanha e Portugal. Os percursos das pesquisas têm primado pela compilação de saberes vividos nos corpos dançantes. Pesquisas que partem da crítica cultural e reconhecem na diversidade e no pluralismo a produção arranjos e mediações de resistência e formação de identidades de classe, de gênero, de geração e etnias. Atualmente

o grupo é composto por pesquisadores, doutores, doutorandas, mestres e mestrandas, graduadas e graduandas, que se dedicam a 4 temáticas centrais: as relações da Dança com o Lazer, a Educação, as Tecnologias e a Cultura popular. A partir dessas temáticas buscamos a identificação, descrição, análise e crítica dos espaços e territórios de experimentação; nas releituras de práticas de dança e desenvolvimento de corporeidades híbridas sob pensamento decolonial. Assim como a percepção de que há um hibridismo cultural em circulação, fruto das relações entre as diversas matrizes de pensamento e da sistematização destas experiências a serem descritas e interpretadas a partir dos sentidos que os indivíduos atribuem a elas.

Podemos perguntar: quem dança, quando e onde, de que maneira, com quem e com que finalidade? Ou ainda, quem não dança, de que maneira, em que condições e por quê? Consequentemente nos deparamos com a necessidade de ampliar nossa compreensão de como as identidades são sinalizadas, formadas, negociadas ou impostas também através de movimentos corporais. E é neste sentido que intitulamos a coletânea como “Conexões, dispersões e travessias”, porque compreendemos que são nestes movimentos que a dança produz/reproduz atitudes específicas em relação ao corpo e aos usos do corpo individualmente ou em grupos sociais específicos. Corpos, identidades, performances, danças que se manifestam nas diversidades, em temporalidades e espaços distintos.

O livro foi organizado em três unidades temáticas que tem na educação, no lazer e arte/espetáculo um aporte de debates sobre a dança e sua diversidade metodológica e teórica. Os textos são fruto das pesquisas realizadas pelos membros do grupo e convidados.

Nossos agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – PPGIEL, por possibilitar o financiamento desta publicação e às autoras e autores que a compõe.

Essa obra é dedicada à Universidade pública brasileira, como espaço físico, científico e cultural que possibilita ao povo brasileiro resistência, conhecimento e formação para as travessias necessárias em tempos tão difíceis! Viva ao povo brasileiro!

Elisângela e Gustavo